



COLLEEN
HOOVER

UMA NOVA
ESPERANÇA

TOP
SEL
LER

DA AUTORA DE *ISTO ACABA AQUI* E *VERITY*

*Este livro é dedicado ao meu marido e aos meus filhos,
pelo seu apoio incondicional e generoso.*

Capítulo Um

O meu ritmo cardíaco diz-me para voltar as costas e ir-me embora. A Les já me avisou várias vezes que não tenho nada que ver com o assunto. Mas a questão é que ela nunca foi um irmão. Não faz a mínima ideia de como é difícil ficar de braços cruzados e *não* interferir. É por isso que, neste momento, este sacana é a minha prioridade.

Enfio as mãos nos bolsos de trás das calças de ganga e rezo para conseguir mantê-las lá. Estou de pé, atrás do sofá, a olhar para ele de cima. Não sei quanto tempo demorará a perceber que ali estou. Tendo em conta a forma como está a agarrar a miúda que tem escarapachada em cima dele, duvido que seja depressa. Fico atrás dele durante alguns minutos enquanto a festa continua à nossa volta, toda a gente completamente a leste do facto de a tampa me estar prestes a saltar. Eu até sacava do telemóvel para ter provas, mas não posso fazer isso à Les. Ela não precisa de ver isto.

— Ei! — acabo por dizer, incapaz de me conter por mais tempo. Se tiver de o voltar a ver a apalpar as mamas a esta tipa sem qualquer mostra de respeito pela relação que tem com a Les, corto-lhe a porra da mão.

O Grayson lá descola a boca da dela e inclina a cabeça para trás, olhando para mim com um olhar desinteressado. Vê-se o medo a assentar quando se começa a fazer luz e ele finalmente se apercebe de que, diante de si, está a última pessoa que ele esperava ver esta noite.

— Holder — diz ele, empurrando a rapariga para o lado. Tenta levantar-se, mas mal consegue aguentar-se em pé. Olha para mim, suplicante, apontando para a rapariga que agora compõe a saia quase inexistente. — Isto... não é o que parece.

Tiro as mãos dos bolsos e cruzo os braços em frente ao peito. O meu punho está agora mais perto dele e tenho de o apertar, imaginando como seria bom esmurrar-lhe a cara.

Olho para o chão e respiro fundo. E respiro fundo mais uma vez. E depois mais uma, já que estou mesmo a gostar de o ver contorcer-se. Abano a cabeça e ergo o olhar na sua direção.

— Dá-me o teu telemóvel.

Se eu não estivesse tão irritado, a confusão que se espalha pela cara dele seria cómica. Ri-se e tenta recuar um passo, mas embate na mesa de centro. Equilibra-se com uma mão contra o vidro e endireita-se.

— Arranja um telemóvel para ti — murmura. Não olha para mim enquanto anda nas suas manobras em volta da mesa de centro. Dou a volta ao sofá com calma e interceto-o, estendendo-lhe a mão.

— Dá-me o teu telemóvel, Grayson. *Já.*

Não estou em vantagem no que toca ao tamanho, pois temos mais ou menos a mesma constituição. Contudo, estou claramente em vantagem se tivermos em consideração a minha fúria. E o Grayson consegue ver isso perfeitamente. Recua um passo, o que talvez não seja muito inteligente, se pensarmos que está a recuar para um canto da sala. Vasculha dentro do bolso e lá acaba por tirar o aparelho.

— Para que queres o meu telemóvel? — pergunta ele. Arranco-lho das mãos e marco o número da Les, sem, contudo, chegar a fazer a chamada.

Devolvo-lho.

— Liga-lhe. Diz-lhe o sacana que és e acaba com a relação.

O Grayson olha para o telemóvel e depois novamente para mim.

— Vai-te foder — grunhe.

Respiro fundo, estalo o pescoço e cerro o maxilar. Como aquilo não me acalma a ânsia de o pôr a sangrar, avanço, agarro-o pelo

colarinho e empurro-o contra a parede, segurando-o com o meu antebraço contra o seu pescoço. Forço-me a lembrar-me de que, se lhe der um arraial de porrada antes de fazer a chamada, a minha calma dos últimos dez minutos terá sido em vão.

Tenho os dentes cerrados, o maxilar tenso e o sangue lateja-me nas têmporas. Nunca odiei tanto alguém como neste momento.

A intensidade daquilo que gostaria de lhe fazer agora até *a mim próprio* me assusta.

Olho-o fixamente nos olhos e conto-lhe como serão os próximos minutos.

— Grayson... — começo, entre dentes. — Se não quiseres que te faça aquilo que estou a pensar fazer, é melhor que pegues no telemóvel, ligués à minha irmã e acabes tudo. Depois, vais desligar a chamada e nunca mais voltas a falar com ela. — O meu braço esmaga-lhe o pescoço com mais força, e noto com satisfação que a sua cara está agora mais vermelha do que a camisa, devido à falta de oxigénio.

— Está bem — refila ele, tentando escapar à pressão. Espero que baixe o olhar para o ecrã e faça a chamada antes de eu retirar o braço e lhe largar a camisa. Leva o telemóvel ao ouvido sem parar de me fitar, enquanto estamos ambos parados e esperamos que a Les atenda.

Sei o que isto irá provocar nela, mas ela não tem noção do que ele faz sem ela saber. Por mais que a Les ouvisse outras pessoas a dizê-lo, o Grayson conseguia sempre que ela o aceitasse de volta na sua vida.

Mas desta vez não. Não se eu o puder evitar. Recuso-me a ficar de braços cruzados a vê-lo fazer isto à minha irmã.

— Olá — diz ao telemóvel. Tenta voltar-me as costas para falar com ela, mas torno a empurrá-lo contra a parede. Ele encolhe-se. — Não, amor — diz ele nervoso. — Estou em casa do Jaxon.

Faz uma longa pausa enquanto a ouve falar.

— Eu sei que foi isso que te disse, mas menti. É por isso que te estou a ligar. Les, eu... Eu acho que preciso de algum espaço.

Abano a cabeça, para que fique a saber que tem de fazer com que seja uma rutura total. Não quero que lhe dê espaço. Quero que dê liberdade absoluta à minha irmã.

Ele revira os olhos e levanta o dedo médio com a mão que tem livre.

— Estou a acabar contigo — diz perentoriamente. Fica em silêncio enquanto ela fala. O facto de não mostrar qualquer remorso prova como é insensível. As minhas mãos tremem e o meu peito aperta-se, sabendo exatamente o que isto está a fazer à Les. Detesto-me por estar a forçar este desfecho, mas ela merece melhor do que isto, mesmo que ache que não.

— Vou desligar — diz ele.

Empurro-lhe a cabeça contra a parede e faço com que olhe para mim.

— Pede-lhe desculpa — digo baixinho, para que ela não me ouça. Ele fecha os olhos, suspira e depois baixa a cabeça.

— Desculpa, Lesslie. Eu não queria fazer isto. — Afasta o telemóvel do ouvido e termina a chamada de forma abrupta. — Espero que estejas satisfeito — diz, olhando para mim. — Porque acabaste de partir o coração à tua irmã.

E é a última coisa que me diz. Ainda não tocou no chão e já lhe enfiei dois socos nos queixos. Abano a mão, afasto-me dele e saio. Ainda não cheguei ao carro e já tenho o telemóvel a tocar no bolso das calças. Tiro-o de lá e nem sequer olho para o ecrã antes de atender.

— Olá — digo eu, tentando controlar a raiva na voz quando a ouço chorar do outro lado. — Estou a caminho, Les. Vai ficar tudo bem, já vou a caminho.



Já passou um dia desde que o Grayson fez o telefonema, mas ainda me sinto culpado, por isso acrescento mais três quilómetros à minha corrida noturna para me castigar. Não estava à espera de ver a Les tão destroçada como ficou na noite passada. Apercebo-me agora de

que obrigá-lo a ligar-lhe talvez não tenha sido a melhor forma de lidar com as coisas, mas era incapaz de ficar de braços cruzados a vê-lo tratá-la daquela forma.

O mais inesperado na reação da Les foi o facto de a sua frustração não ter recaído apenas sobre o Grayson. Parecia que estava chateada com todos os homens do mundo. Referia-se constantemente aos homens como «sacanas doentios», andando para trás e para a frente enquanto eu me limitava a ficar ali sentado a vê-la deitar tudo cá para fora. Ela acabou por ceder, arrastou-se para a cama e chorou até adormecer. Eu fiquei acordado, sabendo que parte daquele sofrimento era da minha responsabilidade. Passei a noite no seu quarto, em parte para me assegurar de que ela estava bem, mas principalmente porque não queria que pegasse no telemóvel para ligar ao Grayson num momento de fraqueza.

Mas ela é mais forte do que eu pensava. Não lhe tentou ligar ontem à noite, e hoje também não. Não dormiu grande coisa na noite passada, por isso foi para o quarto antes de almoço para dormir uma sesta. Contudo, tenho passado à porta do quarto dela durante todo o dia, só para me certificar de que não a ouvia ao telemóvel, por isso sei que não lhe tentou ligar. Pelo menos enquanto estive em casa. Na verdade, tenho quase a certeza de que o telefonema cruel que ele lhe fez na noite passada era exatamente aquilo de que ela precisava para finalmente o ver como ele é.

Deixo os sapatos à porta e vou até à cozinha para me reabastecer de água. É sábado à noite e normalmente estaria agora a preparar-me para ir ter com o Daniel, mas já lhe enviei uma mensagem a avisar que vou ficar por casa. A Les obrigou-me a prometer que ficava com ela em casa porque ainda não queria sair e arriscar-se a dar de caras com o Grayson. Ela tem sorte de eu ser um tipo porreiro, porque não conheço muitos rapazes de 17 anos que abdicassem da noite de sábado para ver filmes foleiros de gajas com a irmã de coração partido. Mas, por outro lado, a maior parte dos irmãos não tem a relação que nós temos. Não sei se a nossa proximidade tem algo que ver com o facto de sermos gémeos. Ela é a minha única irmã,

por isso não tenho termo de comparação. Pode dizer que sou demasiado protetor em relação a ela, e até é capaz de ter razão, mas não tenho intenção de mudar a minha atitude tão cedo. Ou melhor, nunca.

Corro escadas acima, dispo a t-shirt e abro a porta da casa de banho. Abro a torneira e depois atravesso o corredor para ir bater-lhe à porta.

— Vou tomar um duche rápido. Importas-te de encomendar tu a piza?

Encosto a mão à porta dela e estico-me para tirar as meias. Viro-me e atiro-as para dentro da casa de banho, e depois bato à porta outra vez.

— Les!

Ela não responde e eu suspiro e olho para o teto. Se está a falar com ele ao telemóvel, vou ficar chateado. Mas se estiver a falar com ele ao telemóvel, provavelmente é porque ele lhe está a dizer que o fim da relação foi culpa minha, e, se assim for, quem vai ficar chateada é *ela*. Limpo as palmas das mãos aos boxers e abro a porta do quarto dela, preparando-me para outro sermão exaltado sobre como devia meter-me na minha própria vida.



Ao entrar, vejo a Les deitada na cama e sou imediatamente transportado para os tempos em que eu era um rapazinho. Para o momento que me mudou. Que mudou tudo em mim. Tudo o que me *rodeava*. Todo o meu mundo passou de um lugar cheio de cores vibrantes a um cinzento monótono e sem vida. O céu, a erva, as árvores... todas as coisas que outrora foram belas perderam a sua magnificência no momento em que me apercebi de que era responsável pelo desaparecimento da nossa melhor amiga, a Hope.

Nunca mais olhei para as pessoas da mesma maneira. Nunca mais olhei para a natureza da mesma maneira. Nunca mais olhei para o meu futuro da mesma maneira. Tudo deixou de ter significado, finalidade e propósito, para passar a ser simplesmente uma

versão de segunda categoria daquilo que a vida *deveria* ser. O meu mundo em tempos efervescente tornou-se, de repente, uma fotocópia imprecisa, cinzenta e acrómica.

Tal como os olhos da Les.

Não são os dela. Estão abertos. Estão a olhar-me diretamente da sua posição na cama.

Mas não são os dela.

A cor dos seus olhos desapareceu. Esta rapariga é uma fotocópia cinzenta e sem cor da minha irmã.

Da minha Les.

Não consigo mexer-me. Espero que ela pestaneje, se ria, se divirta com a partida doentia que me está a pregar. Espero que o meu coração comece a bater outra vez, que os meus pulmões recomecem a trabalhar. Espero recuperar o controlo do meu corpo, porque não sei quem o tem neste momento. *Eu* não sou, de certeza. Espero e volto a esperar e pergunto-me quanto tempo ela vai conseguir continuar com isto. Quanto tempo é que as pessoas conseguem manter os olhos abertos daquela maneira? Quanto tempo é que as pessoas conseguem não respirar sem que o seu corpo se agite à procura da respiração?

Quanto tempo antes de eu fazer alguma coisa para a *ajudar*?

As minhas mãos tocam-lhe na cara, apertam-lhe o braço, abanam-lhe todo o corpo até eu ficar com ela nos braços e puxá-la para o meu colo. O frasco de comprimidos vazio cai-lhe da mão e fica no chão, mas recuso-me a olhar para ele. Os seus olhos continuam sem vida e ela já não olha para mim quando a cabeça que tenho entre as mãos cai para trás sempre que tento levantá-la.

Não dá qualquer sinal de vida quando grito o seu nome, não estremece quando lhe bato na cara e não reage quando começo a chorar.

Não faz absolutamente nada.

Nem sequer me diz que vai ficar tudo bem, quando a última réstia do que quer que ainda havia no meu peito é obrigada a sair de dentro de mim, no momento em que me dou conta de que a melhor parte de mim está morta.

Capítulo Dois

— Podes procurar a camisa cor-de-rosa dela e as calças plissadas pretas? — pede-me a minha mãe. Mantém os olhos presos à papelada dispersa à sua frente. O homem da agência funerária debruça-se sobre a mesa e aponta para um ponto no formulário.

— Só mais umas páginas, Beth — diz ele. A minha mãe assina os formulários de forma mecânica, sem fazer perguntas. Está a tentar aguentar-se até eles se irem embora, mas eu sei que assim que saírem pela porta da rua ela se irá abaixo novamente. Ainda só passaram quarenta e oito horas, mas eu sei só de olhar para ela que passará pela mesma experiência outra vez.

Seria de esperar que uma pessoa só morresse uma vez. Seria de esperar que só se encontraria o corpo sem vida da irmã uma vez. Seria de esperar que só teria de se ver a reação da nossa mãe depois de descobrir que a sua única filha está morta uma vez.

Uma vez está tão longe da realidade.

Acontece repetidamente.

Sempre que fecho os olhos, vejo os da Les. Sempre que a minha mãe olha para mim, vê-me a dizer-lhe que a filha está morta pela segunda vez. Pela terceira vez. Pela milésima vez. Sempre que respiro, pestanejo ou falo, volto a sentir a morte dela. Não estou aqui sentado a pensar se alguma vez vou interiorizar o facto de ela estar morta. Estou aqui sentado a pensar em quando é que vou deixar de ter de a ver morrer.

— Holder, precisam de roupa para lhe vestir — repete a minha mãe, depois de perceber que não me mexi. — Vai ao quarto dela e traz

a camisa cor-de-rosa com as mangas compridas. Era a sua preferida, ela haveria de querer usá-la.

Ela sabe que eu não quero ir ao quarto da Les, tal como ela também não quer ir. Empurro a cadeira para longe da mesa e dirijo-me para o piso de cima.

— A Les está morta — murmuro para mim próprio. — Ela não se importa com o que vai vestir.

Hesito à porta do seu quarto, sabendo que vou ter de a ver morrer de cada vez que a abrir. Não venho aqui desde que a encontrei e, na realidade, não tinha intenção de voltar *nunca mais*.

Entro e fecho a porta, avançando depois até ao roupeiro. Faço de tudo para não pensar nisso.

Camisa cor-de-rosa.

Não penses nela.

Manga comprida.

Não penses em como farias tudo para poder regressar à noite de sábado.

Calças pretas plissadas.

Não penses no quanto te odeias neste momento por a teres desiludido.

Mas penso. Penso nisso e fico novamente magoado e zangado. Pego num punhado de camisas penduradas e puxo-as dos cabides com toda a força que tenho até caírem no fundo do roupeiro. Agarro-me ao friso da porta e fecho os olhos com força, ouvindo o som dos cabides agora vazios a baloiçarem para trás e para a frente. Tento concentrar-me no facto de estar aqui para levar duas coisas e ir embora, mas não consigo mexer-me. Não consigo deixar de ver o momento em que entrei neste quarto e a encontrei.

Deixo-me cair de joelhos no chão, olho para a cama dela e vejo-a morrer outra vez.

Encosto-me à porta do roupeiro e fecho os olhos, ficando nesta posição o tempo necessário para me aperceber de que não quero estar aqui dentro. Viro-me e inspeciono as camisas que estão agora no fundo do roupeiro, até que encontro a cor-de-rosa de mangas compridas. Levanto os olhos para as calças penduradas nos cabides e pego numas pretas plissadas. Atiro-as para o lado e começo

a tentar levantar-me do chão, mas sento-me imediatamente quando vejo um diário grosso com capa de couro na prateleira do fundo do roupeiro.

Deito-lhe a mão e ponho-o no meu colo, depois recosto-me contra a parede e fico a olhar para a capa. Já vi este diário. Foi uma prenda que o nosso pai lhe deu há cerca de três anos, mas a Les tinha-me dito que nunca o usaria porque sabia que era apenas um pedido do seu psicólogo. A Les odiava as sessões de terapia, e nunca percebi porque é que a nossa mãe a encorajava a ir. Tanto eu como ela fomos lá durante uns tempos quando os nossos pais se separaram, mas eu deixei de ir às sessões quando começaram a coincidir com o treino de futebol no terceiro ciclo. A minha mãe não pareceu importar-se que eu não fosse, mas a Les continuou com as sessões semanais até há dois dias... quando os seus atos deixaram claro que a terapia não estava propriamente a ajudá-la.

Abro o diário na primeira página e não me surpreende que esteja em branco. Pergunto-me: se ela tivesse usado o diário, como sugeriu o psicólogo, teriam as coisas sido diferentes?

Tenho dúvidas. Não sei o que é que poderia ter salvado a Les de si própria. De certeza que não seria a caneta e o papel.

Tiro a caneta da lombada em espiral, depois encosto a ponta da caneta ao papel e começo a escrever-lhe uma carta. Nem sequer sei porque estou a escrever-lhe. Não sei se ela está num lugar em que me possa ver, ou se está *sequer* em algum lugar, mas para o caso de conseguir ver isto... Quero que saiba como a sua decisão egoísta me afetou. Como me deixou sem esperança. *Literalmente* sem esperança. E completamente só. E tão, tão incrivelmente triste.

Capítulo Dois e Meio

Les,

Deixaste as calças de ganga no meio do chão do teu quarto. É como se tivesses acabado de as despir. É estranho.

Porque é que havias de deixar as calças no chão, se sabias o que ias fazer? Não haverias de, pelo menos, atirá-las para o cesto da roupa suja? Não pensaste no que aconteceria depois de eu te encontrar e como alguém haveria de, a determinada altura, ter de as apanhar e fazer qualquer coisa com elas? Bem, eu não vou apanhá-las. E também não vou voltar a pendurar as tuas camisas.

Seja como for, estou no teu roupeiro. Sentado no chão. Não sei o que quero dizer-te neste momento, ou o que quero perguntar-te. Claro que a única pergunta que todos têm na cabeça é: «Porque é que ela fez isto?» Mas eu não te vou perguntar isso, por duas razões:

- 1) Não consegues responder-me. Estás morta.
- 2) Não sei se quero mesmo saber porque o fizeste. Não há nada na tua vida que te desse um motivo suficientemente bom para fazer o que fizeste. E talvez já o saibas, se conseguires ver a mãe neste momento. Está completamente devastada.

Sabes, nunca soube mesmo o que era estar devastado. Achei que tínhamos ficado devastados quando perdemos a Hope. O que lhe aconteceu foi, sem dúvida, trágico para nós, mas o que sentimos foi completamente diferente do que fizeste a mãe sentir. Ela está tão incrivelmente devastada, que dá um significado completamente novo à palavra. Quem me dera que o uso da palavra se pudesse restringir a situações como esta. É absurdo que as pessoas possam usá-la para descrever qualquer coisa que não seja o que uma mãe sente quando perde um filho. Porque essa é a única situação no mundo digna do termo.

Porra, tenho tantas saudades tuas. Desculpa ter-te desiludido. Desculpa não ter sido capaz de ver o que se estava a passar por detrás do teu olhar sempre que me dizias que estavas bem.

Então, sim. Porquê, Les? Porque é que o fizeste?

H

Capítulo Dois e Três Quartos

Les,

Bem, parabéns. És muito conhecida. Não só encheste o parque de estacionamento da funerária com carros, como também encheste o parque ao lado e os das duas igrejas ao fundo da rua. São muitos carros.

Mas eu contive-me; sobretudo pela mãe. O pai parecia quase tão arrasado como ela. Todo o funeral foi mesmo estranho. Fez-me pensar: se tivesses morrido num acidente de carro ou de qualquer coisa mais normal, teriam as reações das pessoas sido diferentes? Se não tivesses propositadamente forçado uma overdose (é esse o termo que a mãe prefere), então acho que as pessoas teriam tido um comportamento um pouco menos estranho.

Era como se tivessem medo de nós, ou pensassem que as overdoses são contagiosas. Discutiam o assunto como se nem sequer estivéssemos na mesma sala.

Tantos olhares e sussurros e sorrisos de piedade.

Só queria pegar na mãe e tirá-la dali e protegê-la do facto de eu saber que estava a reviver a tua morte com cada abraço e cada lágrima e cada sorriso.

Claro que não pude deixar de pensar que toda a gente estava a agir daquela forma porque de alguma maneira nos acusavam. Conseguia perceber o que estavam a pensar.

Como podia uma família não perceber o que ia acontecer?

Como é que puderam ignorar os sinais?

Que tipo de mãe é esta?

Que tipo de irmão não nota que a irmã gémea está deprimida?

Por sorte, quando o teu funeral começou, a atenção de toda a gente passou momentaneamente de nós para os diapositivos que mostraram. Havia muitas fotografias de nós os dois. Estavas feliz em todas elas. Havia muitas fotografias tuas com as tuas amigas, e também estavas feliz nessas. Fotografias tuas com a mãe e o pai antes do divórcio; fotografias tuas com a mãe e o Brian, depois de ela voltar a casar-se; fotografias tuas com o pai e a Pamela, depois de ele voltar a casar-se.

Mas só na última fotografia que apareceu no ecrã é que me apercebi. Era a fotografia de nós os dois em frente à nossa antiga casa. Aquela que foi tirada cerca de seis meses depois de a Hope ter desaparecido. Ainda trazias a pulseira igual à que lhe deste no dia em que ela foi levada. Vi que deixaste de a usar há alguns anos, mas nunca perguntei nada sobre isso. Sei que não gostas de falar dela.

Mas de volta à fotografia. Eu tinha o braço à volta do teu pescoço e estávamos os dois a rir e a sorrir para a máquina fotográfica. É o mesmo sorriso que exibes em todas as outras fotos. Pões-me a pensar em como em todas as tuas fotos que já vi tens sempre aquele sorriso. Não há uma única fotografia em que pareças maldisposta. Ou zangada. Ou com uma expressão vaga. É como se tivesses passado toda a vida a tentar manter esta falsa aparência. Para quem, não sei. Talvez tivesses medo de que uma máquina fotográfica pudesse, a qualquer momento, captar-te um sentimento sincero. Porque, vá lá, não estavas sempre feliz. Todas aquelas noites em que adormeceste a chorar, todas aquelas noites em que precisaste que te abraçasse enquanto choravas,

mas em que te recusavas a dizer-me o que se passava. Ninguém com um sorriso genuíno choraria assim sozinha. E sei que tinhas problemas, Les. Sabia que a nossa vida e as coisas que nos aconteceram te tinham afetado de maneira diferente de como me afetaram a mim. Mas como haveria eu de saber que eram assim tão graves, se nunca o deixaste transparecer? Se nunca me disseste?

Talvez... e detesto pensar nisto. Mas talvez eu não te conhecesse. Pensava que sim, mas não te conhecia. Acho que não te conhecia absolutamente nada. Conhecia a miúda que chorava à noite. Conhecia a rapariga que sorria nas fotos. Mas não conhecia a pessoa que ligava aquele sorriso àquelas lágrimas. Não faço ideia de porque é que exibias sorrisos falsos mas choravas lágrimas reais. Quando um tipo ama uma miúda, especialmente a sua irmã, parte-se do princípio de que ele sabe o que a faz sorrir e o que a faz chorar.

Mas eu não sabia. E não sei. Por isso, desculpa, Les. Lamento tanto ter-te deixado fingir permanentemente que estavas bem, quando era óbvio que isso estava longe de ser verdade.

H

Capítulo Três

— Beth, porque não vais para a cama? — diz o Brian à minha mãe.
— Estás exausta. Vai dormir um pouco.

Ela abana a cabeça e continua a mexer a colher, apesar dos apelos do meu padrasto para que vá descansar. Temos comida no frigorífico para alimentar um exército, mas, mesmo assim, a minha mãe insiste em cozinhar para toda a gente, para não termos de comer a *comida de condolências*, como lhe chama. Estou enjoado de frango frito. Parece ser a comida de recurso para quem traz comida cá a casa. Tenho comido frango frito a todas as refeições desde que a Les morreu, e já lá vão quatro dias.

Vou até ao fogão e tiro-lhe a colher das mãos, depois massajo-lhe o ombro com a mão livre enquanto mexo. Ela encosta-se a mim e suspira. Também não é um suspiro bom. É um suspiro que quase diz: «Para mim, acabou.»

— Vai sentar-te no sofá. Eu acabo isto — digo-lhe eu.

Ela assente com a cabeça e desloca-se sem rumo até à sala de estar. Observo-a da cozinha enquanto se senta e recosta a cabeça no sofá, olhando para o teto. O Brian senta-se ao seu lado e puxa-a para si. Nem preciso de a ouvir para saber que está a chorar outra vez. Vejo-o na maneira como se deixa cair contra ele e lhe agarra a camisa.

Afasto o olhar.

— Talvez devesse vir para nossa casa, Dean — diz o meu pai, encostado ao balcão. — Só durante uns tempos. Pode fazer-te bem afastares-te.

É o único que ainda me trata por Dean. Respondo por Holder desde os 8 anos, mas o facto de me terem dado o nome dele pode explicar o porquê de não me chamar nada que não seja Dean. Só o vejo meia dúzia de vezes por ano, por isso não me incomoda muito que ainda me chame pelo primeiro nome. Mas continuo a detestá-lo.

Olho para ele, depois outra vez para a minha mãe, ainda agarrada ao Brian na sala de estar.

— Não posso, pai. Não a posso deixar. Especialmente agora.

Ele tem tentado que eu me mude para Austin desde o divórcio. A verdade é que gosto de morar aqui. Não gosto de visitar a minha cidade natal desde que saí de lá. Há demasiadas coisas que me recordam da Hope quando lá estou.

Mas vejo que há demasiadas coisas que me vão começar a recordar da Les aqui.

— Bem, a minha oferta não expira — diz ele. — Sabes disso.

Aceno afirmativamente e apago o bico do fogão.

— Está pronto — digo eu.

O Brian volta para a cozinha com a Pam e sentamo-nos todos à mesa, mas a minha mãe continua na sala de estar, chorando discretamente contra o sofá durante toda a refeição.



Estou a dizer adeus ao meu pai e à Pam quando a Amy para em frente à nossa casa. Espera que o carro do meu pai saia e depois entra para o caminho de acesso à casa. Encaminho-me para a porta do lado do condutor e abro-lha.

Ela mostra-me um sorriso triste e baixa a pala, limpando o rímel debaixo da armação dos óculos de sol. Há mais de uma hora que está escuro, mas ela ainda está de óculos de sol. Isso só pode significar que esteve a chorar.

Não tenho falado muito com a Amy nos últimos quatro dias, mas não preciso de lhe perguntar como tem estado a aguentar-se. Há sete anos que ela e a Les eram as melhores amigas. Se há alguém

que se sente como eu neste momento, é ela. E eu nem sequer sei bem como *eu próprio* estou a aguentar-me.

— Onde está o Thomas? — pergunto eu, quando ela sai do carro.

Ela puxa o cabelo louro para trás com os óculos e ajusta-os no cimo da cabeça.

— Está em casa. Teve de ir ajudar o pai com umas coisas no quintal depois da escola.

Não sei há quanto tempo os dois namoram, mas já estavam juntos antes de eu e a Les irmos morar para aqui. E viemos para cá no quarto ano, por isso já lá vai algum tempo.

— Como está a tua mãe? — pergunta ela. Assim que acaba de falar, abana a cabeça e pede desculpa. — Desculpa, Holder. É uma pergunta estúpida. Prometi a mim mesma que não seria uma dessas pessoas.

— Acredita que não és — sossego-a. Faço um gesto em direção à porta. — Queres entrar?

Ela acena afirmativamente e olha para a casa, depois para mim.

— Importas-te que eu suba até ao quarto dela? Não faz mal se ainda não me quiseres lá em cima. É só que ela tinha umas fotos com que eu gostaria de ficar.

— Não, não me importo.

Dada a relação que tinha com a Les, a Amy tem o mesmo direito de estar no quarto dela que eu. Sei que a Les havia de gostar que a Amy ficasse com o que quer.

Segue-me para dentro de casa e pelas escadas acima. Noto que a minha mãe já não está no sofá. O Brian deve finalmente ter conseguido convencê-la a ir para a cama. Chego ao cimo das escadas com a Amy, mas não tenho vontade de entrar no quarto da Les com ela. Faço sinal com a cabeça em direção à porta.

— Estou no meu quarto, se precisares de mim.

Respira fundo nervosamente e acena com a cabeça enquanto expira.

— Obrigada — diz ela, olhando cautelosamente para a porta da Les. Dá um passo relutante em direção ao quarto e eu viro-me e vou

para o meu quarto. Fecho a porta atrás de mim e sento-me na cama, pegando no diário da Les enquanto me encosto à cabeceira. Já lhe escrevi hoje, mas pego numa caneta, porque não tenho nada melhor para fazer do que escrever-lhe outra vez. Ou, pelo menos, não há mais nada que eu *queira* fazer, porque todos os pensamentos me conduzem sempre a ela.

Capítulo Três e Meio

Les,

A Amy está cá. Está no teu quarto, a ver as tuas coisas. Será que ela tinha noção do que tu ias fazer? Sei que às vezes as raparigas partilham coisas com as amigas que não partilhariam com mais ninguém – nem mesmo com os irmãos gémeos. Algum dia lhe disseste como te estavas a sentir? Deste-lhe algum sinal? Espero que não, porque isso significaria que ela agora estaria a sentir-se muito culpada. Não merece sentir-se culpada por causa do que tu fizeste, Les. Há sete anos que é a tua melhor amiga, por isso espero que tenhas pensado nisso antes de tomar uma decisão tão egoísta.

Sinto-me culpado pelo que fiz, mas eu mereço sentir-me culpado. Ser irmão acarreta uma responsabilidade de que uma melhor amiga não partilha necessariamente. Era meu dever, não dela, proteger-te. Por isso, ela não merece sentir-se culpada.

Talvez tenha sido esse o meu problema. Talvez tenha passado tanto tempo a tentar proteger-te do Grayson, que nunca pensei que devia era ter-te protegido de ti própria.

4

Ouçõ uma pancada leve na porta do meu quarto, por isso fecho o diário e coloco-o na mesinha de cabeceira. A Amy abre a porta e

eu endireito-me na cama. Faço-lhe sinal para entrar e ela avança e fecha a porta atrás de si. Dirige-se à minha cómoda e pousa as fotos que recolheu, passando os dedos pela que está em cima. As lágrimas escorrem-lhe silenciosamente pela cara abaixo.

— Vem cá — digo eu, estendendo-lhe a mão. Aproxima-se de mim, pega-me na mão e depois vai-se completamente abaixo assim que os seus olhos encontram os meus. Continuo a puxá-la para a frente até ficar sentada em cima da cama e depois abraço-a. Enrosca-se contra o meu peito e chora descontroladamente. Soluça imenso, e é um choro quase de devastação; mas, como disse antes, a *devastação* devia ser reservada às mães.

Fecho os olhos com força e tento não me deixar afetar como a Amy está a ser afetada neste momento, mas é difícil. Consigo conter-me em frente à minha mãe porque ela precisa que eu seja forte por ela. Mas a Amy não. Se a Amy sente o que eu sinto, então ela só precisa de saber que há alguém tão chocado e desolado como ela.

— Calma... — digo eu, afagando-lhe o cabelo. Sei que ela não quer que a console com palavras ocas e gastas. Só precisa de alguém que compreenda como ela se está a sentir, e eu devo ser a única pessoa que conhece que verdadeiramente o que sente. Não lhe digo para tentar deixar de chorar, porque sei que é impossível. Encosto a cara à cabeça dela, envergonhado por também já estar a chorar. Tenho conseguido conter-me muito bem, mas agora não consigo mais. Continuo a abraçá-la e ela a mim, porque é bom poder encontrar conforto numa situação tão triste e só.

Ouvir a Amy chorar faz-me recordar todas as noites que passei nesta posição com a Les. Não queria que eu falasse com ela ou a ajudasse a deixar de chorar. Só precisava que eu a abraçasse e que a deixasse chorar, mesmo que não fizesse ideia da razão pela qual precisava daquilo. Poder estar aqui agora, a apoiar a Amy desta maneira, dá-me aquela sensação familiar de precisarem de mim que costumava ter com a Les. Desde que a Les decidiu que não precisava de *ninguém* que não sinto que precisem de mim.

— Desculpa — diz a Amy, com a voz abafada pela minha camisa.

— Pelo quê?

Respira fundo e tenta deixar de chorar, mas o esforço é perdido com as novas lágrimas que se seguem.

— Eu devia ter percebido, Holder. Não fazia a mínima ideia. Era a melhor amiga dela e sinto que toda a gente me culpa e... não sei. Talvez tenham razão. Não sei. Talvez estivesse tão envolvida na minha relação com o Thomas, que me tenha escapado qualquer coisa que ela estivesse a tentar dizer-me.

Continuo a passar-lhe a mão pelo cabelo, solidarizando-me com cada palavra que sai da sua boca.

— Tu e eu — suspiro. Seco os olhos com as costas da mão. — Sabes, tento isolar momentos que podiam ter alterado o que aconteceu. Coisas que eu lhe podia ter dito ou coisas que ela me podia ter dito a mim. Mas mesmo que conseguisse voltar atrás e mudar alguma coisa no passado, não tenho a certeza de que pudesse ter alterado o resultado. Tu também não sabes. A Les é a única pessoa que pode confirmar o porquê de ter levado aquilo avante, e infelizmente é a única que não está cá para nos esclarecer.

A Amy solta um risinho, embora eu não perceba bem porquê. Afasta-se devagar e olha-me com uma expressão solene.

— Ela que se dê por feliz por não estar aqui, porque estou tão zangada com ela, Holder... — A sua tristeza dá lugar a outro soluço e ela leva a mão aos olhos. — Estou tão, tão zangada com ela por não confiar em mim, e sinto que não posso dizer isto a ninguém senão a ti — sussurra ela.

Tiro-lhe a mão da cara e olho-a nos olhos, porque não quero que ela sinta que a estou a julgar por causa desse comentário.

— Não te sintas culpada, Amy. Está bem?

Acena e sorri com um sorriso compreensivo, depois baixa os olhos para as nossas mãos, pousadas na almofada entre nós. Ponho a minha em cima da dela e afago-lha tranquilizadamente com os dedos. Sei como ela se sente e ela sabe como eu me sinto, e é bom ter isso, mesmo que seja só por uns instantes.

Quero agradecer-lhe por ter estado lá para apoiar a Les todos estes anos, mas parece tão pouco apropriado agradecer-lhe por estar lá quando ela está a sentir exatamente o contrário neste momento. Então, fico calado e levo a minha mão à cara dela. Não sei se é a importância do momento ou o facto de ela me ter feito sentir algo necessário outra vez, ou se é simplesmente porque a minha cabeça e o meu coração estão entorpecidos há tantos dias. Seja o que for, a sensação está aqui e não a quero deixar escapar ainda. Deixo-a tomar conta da situação, enquanto me inclino com lentidão para a frente e encosto a minha boca à dela.

Não tinha intenção de a beijar. De facto, espero afastar-me a qualquer momento, mas não o faço. Espero que ela me empurre, mas não empurra. No momento em que a minha boca encontra a sua, ela abre os lábios e suspira como se fosse exatamente isto que ela precisava de mim. Por mais estranho que pareça, isso faz-me querer beijá-la ainda mais. Beijo-a, sabendo que é a melhor amiga da minha irmã. Beijo-a, sabendo que tem namorado. Beijo-a, sabendo que isto não é uma coisa que fizesse com ela em qualquer outra circunstância que não este momento.

Ela desliza a mão pelo meu braço e passa o dedo por baixo da manga da minha camisa, acompanhando suavemente os contornos dos músculos do meu braço. Puxo-a para mim e mais para o meio da cama, aprofundando o nosso beijo. Quanto mais nos beijamos, mais reconhecemos que o desejo e a necessidade são as únicas coisas que podem minimizar a dor. Ficamos simultaneamente mais impacientes, fazendo tudo o que podemos para nos livrarmos da dor por completo. Cada passagem da sua mão na minha pele impele-me para mais longe da minha mente e mais para dentro deste momento com ela, por isso beijo-a com mais desespero, precisando que ela leve a minha mente para longe da minha vida. A minha mão introduz-se sob a sua camisa e, no momento em que lhe toco o seio, ela geme e enterra as unhas no meu braço, arqueando as costas.

Parece-me uma pista para um *sim* que não deixa margem para dúvidas.

Só tenho duas coisas no pensamento quando ela começa a despir-me a camisa e as minhas mãos remexem ansiosamente no fecho das suas calças de ganga.

- 1) Preciso de lhe tirar esta roupa.
- 2) Thomas.

Normalmente não tenho o hábito de pensar noutros rapazes quando vou para a cama com uma miúda, mas normalmente não vou para a cama com as miúdas de outros rapazes. A Amy não é minha para eu a beijar, mas estou a fazê-lo, apesar disso. A sua roupa não é minha para a estar a ajudar a despi-la, mas estou a fazê-lo, apesar disso. Eu não devia estar a meter a mão dentro das cuecas dela, mas estou a fazê-lo, apesar disso.

Afasto-me da sua boca quando a toco e observo-a a gemer e a enterrar a cabeça para trás na almofada. Continuo a fazer o que lhe estou a fazer com uma mão enquanto me estico por cima da cama e tiro um preservativo da gaveta com a outra. Abro-o com os dentes, observando-a atentamente enquanto o faço. Sei que nenhum dos dois está no estado de espírito certo neste momento, senão isto não estaria a acontecer. Independentemente de estarmos ou não no estado de espírito certo, pelo menos estamos no *mesmo* estado de espírito. Bom, espero eu.

Sei que é incrivelmente errado perguntar a uma miúda acerca do namorado quando está a trinta segundos de se esquecer completamente dele, mas tenho de o fazer. Não quero que ela se arrependa ainda mais disto do que já se vai arrepender. Do que já nos vamos arrepender.

— Amy? — sussurro. — E o Thomas?

Sai-lhe um leve queixume da boca, mas ela mantém os olhos fechados, encostando as palmas das mãos ao meu peito.

— Ele está em casa — murmura ela, não dando a entender que o facto de mencionar o nome dele a faça querer parar com o que estamos a fazer. — Teve de ir ajudar o pai com umas coisas no quintal depois da escola.

A sua repetição exata da resposta que me deu quando lhe perguntei por ele ao chegar a casa faz-me rir. Abre os olhos e olha para mim, provavelmente confusa por eu me estar a rir numa altura destas. Mas limita-se a sorrir. Fico contente por ela ter sorrído, porque estou mesmo farto das lágrimas de toda a gente. Estou tão cansado de todas as lágrimas.

E *merda*. Se ela não se sente culpada neste instante, também não vou ser eu que me vou sentir culpado. Podemos arrepende-nos tanto quanto quisermos mais tarde.

Baixo a minha boca para a dela no momento exato em que ela respira fundo e depois solta um gemido sonoro, esquecendo completamente o seu namorado. Cada bocadinho da sua atenção está cem por cento centrado no movimento da minha mão, e cada bocadinho da minha atenção está cem por cento centrado em colocar este preservativo antes que ela comece a pensar no namorado outra vez.

Descontraio em cima dela, com a minha boca de volta à sua, descontraio dentro dela e aproveito-me da situação por inteiro, sabendo o quanto me vou arrepende mais tarde. Sabendo o quanto *já* me arrependo.

Mas cá estou eu a fazê-lo, apesar de tudo.



Ela está vestida e sentada na beira da minha cama, calçando os sapatos. Já vesti as minhas calças de ganga e encaminho-me para a porta do quarto, sem saber bem o que dizer. Não faço a mínima ideia de como ou porque é que aquilo aconteceu, e, pela expressão na sua cara, ela também não. Põe-se de pé e encaminha-se para a porta, pegando nas fotos que tirou do quarto da Les ao passar pela cómoda. Abro-lhe a porta, sem saber se devo segui-la lá para fora ou despedir-me dela com um beijo ou dizer-lhe que lhe telefono.

Mas que raio é que eu fui fazer?

Ela sai para o corredor, detém-se e depois vira-se para mim. Contudo, não estabelece contacto visual. Apenas olha fixamente para as fotografias que tem na mão.

— Só vim buscar as fotos, está bem? — pergunta cautelosamente. Uma expressão preocupada consome-lhe a cara, dando-me a entender que tem medo de que eu possa pensar que o que aconteceu entre nós foi mais do que aquilo que foi na realidade.

Quero assegurar-lhe que não vou dizer nada. Levanto-lhe o queixo para que me olhe nos olhos e sorrio para ela.

— Tu vieste buscar fotografias. É só isso, Amy. E o Thomas está em casa a ajudar o pai no quintal.

Ri-se, se é que se lhe pode chamar isso, e depois olha para mim, agradecida. Há um silêncio estranho que nos atravessa por instantes, antes de finalmente ela se rir outra vez.

— Mas o que é que foi aquilo? — diz ela, apontando em direção ao meu quarto. — Não somos nós, Holder. Não somos esse tipo de pessoa.

Não somos esse tipo de pessoa. Concordo. Encosto a cabeça à ombreira da porta e já sinto o arrependimento a instalar-se. Não sei o que me deu ou porque é que o facto de ela não ser minha não me fez parar. A única explicação que encontro é que o que quer que seja que aconteceu entre nós há pouco foi produto direto da nossa dor. E a nossa dor é produto direto da decisão egoísta da Les.

— Vamos pôr as culpas na Les — digo eu, meio provocador. — Isto não teria acontecido se ela estivesse aqui.

A Amy sorri.

— Pois — diz ela, fechando os olhos, a brincar. — Que cabra, levar-nos a fazer uma coisa desprezível daquelas. Como se atreve?!

Rio-me.

— Não é?

E mostra as fotografias que tem na mão.

— Obrigada por... — Olha para as fotos, para por instantes e vira os olhos novamente para os meus. — Só... obrigada, Holder. Por me ouvires.

Recebo o seu agradecimento com um aceno e observo enquanto ela se vira para descer as escadas. Fecho a porta e volto para a cama. Pego no diário pelo caminho. Abro-o na carta que interrompi antes de a Amy entrar no meu quarto uma hora antes.

Capítulo Três e Três Quartos

Les,

O que aconteceu com a Amy agora mesmo foi tudo culpa tua. Só para ficarmos entendidos.

H

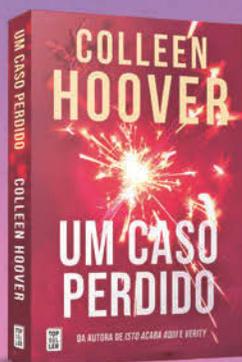
SERÁ VERDADE QUE O AMOR SE SOBREPÕE A TUDO?

Há treze anos que Holder não tem notícias de Hope — desde o dia em que ela foi raptada e levada para longe dele —, mas nunca deixou de a procurar, sempre perseguido por um enorme remorso e um devastador sentimento de culpa. Contudo, quando uma tragédia envolve a sua irmã gêmea, Les, a necessidade de encontrar a amiga desaparecida torna-se mais forte do que nunca.

Certo dia, cruza-se com uma rapariga que se parece com Hope e decide aproximar-se dela, tentando estabelecer uma ligação que lhe permita encontrar alguma paz de espírito. Apesar das semelhanças, ela insiste que o seu nome é Sky e que não o conhece. Só que, percebendo que o passado dela alberga alguns traumas e memórias reprimidas, Holder não aceita que ela se afaste e tenta fazer de tudo para a ajudar.

Mas estarão eles preparados para as memórias dolorosas que estão prestes a desenterrar? E conseguirão seguir em frente e encontrar o seu caminho?

NÃO PERCAS TAMBÉM
O PONTO DE VISTA
DE SKY:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-730-4



9 789895 837304